

---

Artigo de Pesquisa

---

**O Trabalho Artesanal E Sua Tradicionalidade: Perfil Das Artesãs Ludovicenses Da Associação Fibra Do Buriti E Sua Percepção Sobre O Seu Ofício**

Katyscia Karla Mendes Arouche<sup>1</sup>, Yldry Sousa Ramos Queiroz Pessoa<sup>2</sup>

<sup>1</sup> <https://orcid.org/0000-0002-8510-4698>/ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, MA, Brasil.

<sup>2</sup> <https://orcid.org/0000-0002-0817-2793>/ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, MA, Brasil.

---

Resumo

Este artigo teve como objetivo descrever o perfil das artesãs ludovicenses da Associação Mulheres de Fibra (MA) e sua percepção sobre a tradicionalidade de seu trabalho. Utilizou-se uma abordagem quali-quanti, que incluiu observação sistemática, diário de campo, questionário e entrevistas semiestruturadas. Os resultados da pesquisa revelaram que a maioria das artesãs é casada e tem filhos e também contribuem financeiramente para a renda familiar por meio de seu artesanato. Contudo, é importante notar que elas apresentam baixa escolaridade, o que é uma característica comum entre os trabalhadores desse setor. Os resultados também mostram que as pesquisadas possuem uma vasta experiência no artesanato com fibra de buriti e produzem um tipo de artesanato tradicional que contribui para a preservação da identidade local, cultura e transmissão do conhecimento dentro de sua comunidade. A maioria das pesquisadas demonstra estar engajada em manter a tradicionalidade do artesanato em fibra de buriti. No entanto, existem discussões sobre essa manutenção, justificadas pelas dificuldades encontradas por essas trabalhadoras em manter-se em um trabalho que proporcione maior segurança econômica e social. Por fim, pode-se inferir que é um trabalho de grande sentido para elas, torna-se importante que seja reconhecido pela sociedade civil e haja políticas públicas eficientes.

**Palavras-chave:** Trabalho artesanal, Artesanato Tradicional, Mulheres, Fibra de Buriti.

---

**Craftsmanship And Its Traditionality: Profile Of The Ludovicense Artisan Workers Of The Fibra Do Buriti Association And Their Perception Of Their Craft**

Abstract

This article aimed to describe the profile of Ludovic artisans from Associação Mulheres de Fibra (MA) and their perception of the traditional nature of their work. A quali-quanti approach was used, which included systematic observation, field diary, questionnaire and semi-structured

---

Submissão: 06/09/2023  
Aceite: 10/06/2024  
Editora Responsável: Liliam Deisy Ghizoni  
Editora de Leiaute: Gracilene Paiva Araujo  
Editora Administrativa: Thamyris Pinheiro Maciel

Como citar este artigo: Arouche, K. K. M. & Pessoa, Y. S. R. Q. (2024). O trabalho artesanal e sua tradicionalidade: perfil das Artesãs Ludovicenses da Associação Fibra Do Buriti e sua percepção sobre o seu ofício. *Trabalho (En)Cena*. 9 (contínuo), e024021. 1-30. <https://doi.org/10.20873/2526-1487e024021>

interviews. The survey results revealed that most artisans are married with children and also contribute financially to the family income through their handicrafts. However, it is important to note that they have low education, which is a common characteristic among workers in this sector. The results also show that those surveyed have extensive experience in handicrafts with buriti fiber and produce a type of traditional handicraft that contributes to the preservation of local identity, culture and transmission of knowledge within their community. Most of those surveyed demonstrate that they are committed to maintaining the traditional craftsmanship in buriti fiber. However, there are discussions about this maintenance, justified by the difficulties encountered by these workers in maintaining a job that provides greater economic and social security. Finally, it can be inferred that it is a job of great meaning for them, it is important that it is recognized by civil society and that there are efficient public policies.

**Keywords:** Craft work, Traditional Crafts, Women, Buriti fiber.

---

O trabalho artesanal refere-se a uma atividade que resulta da transformação da matéria prima, por meio de técnicas de produção artesanal, que expressa criatividade, identidade, habilidade e qualidade, cuja importância transcende no plano econômico e cultural (Brasil, 2018). No que toca isso, a atividade artesanal possui um significado profundo em termos de resistência cultural e psicossocial no contexto de uma sociedade predominantemente industrial e capitalista.

Primeiramente, sob a diversidade dessa importância, é preciso atentar para a contribuição do trabalho artesanal no contexto econômico brasileiro, que segundo Borges (2019), é responsável por absorver “[...] mão de obra intensiva por gerar uma melhoria de renda sobretudo nos estratos inferiores da sociedade” (p. 2012). No entanto, a autora salienta que a análise desse impacto enfrenta dificuldade devido à falta de informações mais precisas sobre essa atividade como um todo, a começar pelo próprio monitoramento do aumento de renda ocorrer apenas no âmbito de cada programa. Ainda segundo a autora, desde 2001, órgãos do Governo vêm publicando a existência de 8,5 milhões de artesãos no País, porém alertam sobre a imprecisão desses dados, pois há um número significativo de trabalhadores informais. Trata-se de uma atividade primordialmente feminina, estimando-se que 85% sejam mulheres (Borges, 2019). No entanto, muitas dessas trabalhadoras alternam a prática artesanal com demais ocupações; outras, deixam de se cadastrar nos projetos governamentais de artesanato por receio de serem excluídas de benefícios assistenciais como Bolsa família e aposentadoria.

As lacunas encontradas nessas informações foram percebidas na própria trajetória desta investigação, refletida na dificuldade em encontrar dados precisos sobre o número de artesãos no País. Isso gerou a reflexão que o quantitativo apresentado pela maioria da literatura é tímido e distante da real participação do trabalho artesanal no plano econômico do Brasil. Logo, este

estudo apresenta um trabalho que abarca números ainda maiores, o que salta aos olhos a importância desta pesquisa.

Além dessa relevância quantitativa, atribui-se a esse trabalho sua tradicionalidade, que ao preservar técnicas e tradições, perpetua o elo entre o passado e o presente de determinado povo, bem como sua cultura e identidade. Essa perpetuação materializa-se nos produtos artesanais confeccionados, que carregam a singularidade das mãos dos artesãos, o que contrasta com a uniformidade das produções em massa do modo de produção capitalista, a qual prioriza a lucratividade e a eficiência.

Sob essa disparidade, este estudo explora como o artesanato pode ser visto como um modo de resistência e enfrentamento, não somente nas características estéticas e físicas presentes no produto artesanal ao fim do processo, mas também nas significações singulares que emergem durante a realização desse trabalho. Essas significações possibilitam aos artesãos, em especial às mulheres, afirmar sua identidade e continuidade cultural através de práticas passadas de geração em geração.

Essa atribuição de sentimentos, impressões e valores remete a um trabalho que não se resume apenas a um meio pelo qual se conseguem satisfazer as necessidades humanas mais imediatas, mas que permite alcançar e explorar também suas realizações teleológicas, externando uma adequação para um fim. Trata-se de um trabalho que permite a mediação das artesãs com a natureza, na medida em que essas trabalhadoras conseguem modificar as condições sociais e humanas que lhes são impostas, modificando a si mesmas ao encontrar significações sobre o que realizam (Marx, 2013).

Logo, observa-se que o trabalho artesanal não apenas fornece meios de subsistência, mas também desempenha um papel crucial na promoção do bem-estar social e psicológico dos artesãos no contexto de uma sociedade capitalista. Sobre isso, Tavares e Padilha (2016) afirmam que se trata de uma atividade considerada uma alternativa que propicia condições de trabalho mais saudáveis e com mais sentido, por desfrutar de mais autonomia e participação no processo de trabalho, além de não estar submetida aos modelos de gestão industrial.

No que toca às condições saudáveis envolvidas na dinâmica do trabalho artesanal, é constatado nos estudos de Scardoelli e Waidman (2011), realizados com mulheres artesãs, que a prática do trabalho artesanal permite usufruir de momentos de expressão de criatividade, de gozo, de ocupação de espaço e tempo, de distração, de riso, correspondentes a momentos de cuidado de si, na busca por uma melhor qualidade de vida.

Nesse mesmo âmbito, Corkhill, Hemmings, Maddock e Riley (2014), em uma pesquisa com 3.545 artesãos, constataram que a prática do trabalho artesanal permite a esses

trabalhadores se sentirem mais felizes e mais confiantes sobre si mesmos, além de apresentarem melhores resultados em suas atividades cognitivas, tais como a memória e a concentração.

Quanto aos sentidos encontrados no artesanato, pode-se identificar a participação do artesão em todo o processo de trabalho, desde a aquisição da matéria-prima até a comercialização do produto, proporcionando uma maior identificação desse trabalhador com o seu trabalho, atribuindo ao que foi produzido, sentimentos, impressões e valores (Tavares & Padilha, 2016).

Ao considerar o cenário capitalista, onde a eficiência e a lucratividade muitas vezes se sobrepõem ao bem-estar dos trabalhadores, o artesanato emerge como uma esfera de atividade laboral dotada de sentido e propósito. Conforme Dejours (2008) enfatiza, “trabalhar não é tão só produzir: trabalhar é ainda viver junto” (p. 145). Assim, o trabalho artesanal não somente contribui economicamente, mas também fortalece laços comunitários, preserva saberes ancestrais e promove o bem-estar biopsicossocial dos indivíduos envolvidos.

A pesquisa optou pelo município de São Luís por ser uma região que tem apresentado maior participação de trabalhadores no artesanato nos últimos anos no estado do Maranhão, seguido de um recorte mais específico, delimitando-se ao grupo de produção artesanal Mulheres de Fibra localizada na Vila Primavera, precisamente na área do Distrito Industrial. Ressalta-se que objeto de estudo comporta predominantemente o público feminino.

Diante disso, a presente pesquisa trouxe, por meio de um estudo exploratório com delineamento quali-quantitativo, o seguinte objetivo: descrever o perfil das artesãs da associação fibra do buriti e sua percepção sobre a tradicionalidade do seu trabalho.

### **As transformações no mundo do trabalho e o artesanato**

Estudos não se esgotam em conhecer e explorar a categoria trabalho. O interesse por esse conhecimento intensifica-se à medida que o trabalho, ao longo da história, apresenta uma série de transformações que refletem sua evolução e seu lugar de centralidade ocupado na sociedade.

De forma categórica, Marx (2013) assevera que “[...] antes de tudo, o trabalho é um processo de que participa o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza” (p. 211). Em continuidade, afirma que o trabalho enseja uma transformação mútua, de ordem externa e interna, pois à medida que o homem transforma a natureza pelo seu trabalho, também modifica a si mesmo.

Contudo, a forma de apropriação da natureza pelo homem perpassa por um aperfeiçoamento de técnicas e conhecimentos acerca do trabalho no decorrer da história. Como resultado, nota-se sua sedentarização em determinados espaços, enquanto anteriormente ele permeava diversos lugares em busca de melhores condições naturais para atender suas necessidades (Rodrigues, 2009). Essas implicações culminam em uma evolução do trabalho humano.

O trabalho artesanal, frente a essas mudanças ocorridas no mundo laboral, desponta com um olhar sobre as implicações que moldam toda a sua estrutura produtiva. Sobre isso, Freitas (2017) acentua que o setor artesanal tem sido alvo de avaliações e reestruturações no tocante ao processo produtivo, ao produto e ao mercado, trazendo à tona a necessidade de uma revisão nos processos de trabalho, nas técnicas e nos materiais utilizados para a confecção, bem como nas características das peças criadas e na aquisição de conhecimentos, práticas e técnicas de gestão, às quais o artesão não precisava estar atento anteriormente.

A fim de compreender essas transformações, inicialmente é necessário entender como se dava a dinâmica da produção artesanal na formação da história da humanidade. Sobre isso Huberman (2012), descreve: A família precisava de móveis? Não se recorria ao carpinteiro para fazê-los, nem eram comprados numa loja da Rua do Comércio. Nada disso. A própria família do camponês derrubava a madeira, limpava-a, trabalhava-a até ter os móveis de que necessitava.

Conforme retrata o autor, o artesanato voltava-se para uma forma singular de produção dentro de um ambiente predominantemente doméstico, inclinado para satisfazer as necessidades de casa sem qualquer pretensão de abastecer um mercado de consumo, com concentração de todas as etapas de produção, na maioria das vezes, em uma única pessoa.

Já, no período medieval com a alteração do trabalho servil, os mestres, artesãos e aprendizes avançaram em suas ações corporativas e reprodutivas. A partir de um lugar que permite dominar a totalidade do processo de produção por parte do artesão, esse passa “[...] atribuir vida às suas potencialidades, conhecia seus segredos e emocionava-se com suas surpresas, agora não mais dirigida pelo olhar e vontade de outro, mas sim a partir da sua vontade” (Batista, 2014, p. 215).

Diante desse domínio e de possibilidades de realização humana no trabalho, aos artesãos são atribuídos a condição de sujeitos da própria história, aspecto que constitui características determinantes no seu processo de trabalho, quais são : a apropriação dos artesãos quanto aos instrumentos de trabalho, matéria prima, lucro, conhecimento; a divisão técnica e social do trabalho no âmbito dos ofícios sob responsabilidade dos mestres artesãos, com um

desenvolvimento de uma atividade sem ameaça de divisão entre o pensar e fazer do artesão (Batista, 2014).

O autor comenta ainda que a decadência do sistema feudal e a expansão das práticas comerciais tornaram o artesanato alvo de novas configurações, principalmente em virtude do aumento das demandas de um mercado em crescimento.

No limiar do modo de produção capitalista, o trabalhador artesão, antes detentor de suas ferramentas, começa a fazer uso coletivo do seu material com outros artesãos. Tal procedimento refere-se a forma organizacional cooperação simples, na qual trabalhadores reunidos em um espaço comum buscam atender uma produção em larga escala, em menor tempo, com menores custos e maiores resultados econômicos. Imerso nesse novo espaço cooperativo, desponta desde uma diferente forma do artesão usar suas ferramentas até aspectos mais estruturais, como a pormenorização de todo processo produtivo artesanal, trazendo à tona uma ameaça à individualidade na produção artesanal (Batista, 2014).

Posteriormente, a produção fundamentada nesse caráter cooperativo cede lugar a manufatura, modelo de produção ainda baseado na habilidade manual das atividades no qual soma-se a nítida divisão do trabalho, onde o trabalhador artesão deixa de ser proprietário não só de suas ferramentas utilizadas para produzir seus objetos artesanais, mas da sua liberdade em como fazer o seu trabalho, restando sob sua propriedade apenas sua força de trabalho que se transforma em uma mercadoria assalariada livre.

Com o advento da Revolução Industrial, a máquina revela-se como principal instrumento de trabalho, revolucionando expressivamente as formas de produção até então vigentes. Os efeitos dessa mecanização no cerne da produção artesanal, são explicados por Marx (2013) ao comentar que “Muitas ferramentas põem em evidência de maneira bem contrastante a diferença entre o homem na função de simples força motriz e o homem como trabalhador que exerce seu ofício manual” (p. 305), deixando ao trabalhador uma função puramente mecânica.

A partir do entendimento, compreende-se que são retirados o domínio e a criatividade do trabalhador artesão, e incluídas as funções limitadas de operar e vigiar máquinas.

Nesse ínterim, destaca-se também a ação de uma lógica de produção em larga escala, em que “[...] novos mercados consumidores surgem, e vislumbrando atingi-los, mais incentivos foram criados e implementados para a modernização das antigas oficinas artesanais, o que acabou no fortalecimento ainda mais efetivo da revolução industrial” (Carvalho, 2016, p. 30).

Todavia, nota-se que a produção artesanal apresenta dissonâncias em relação às exigências da lógica produtiva do capitalismo, tais como: habilidades e técnicas relacionadas

apenas a um indivíduo, produção em baixa escala, custos altos dos produtos, domínio do artesão sobre todas as etapas de produção, uso de ferramentas e máquinas como apenas um auxílio, gesto humano como fator determinante do ritmo produtivo e ausência da divisão entre trabalho mental e braçal (Laurentino, 2017; Lima, 2009; Mills, 2009).

No afã de atender um mercado maior e a ação impulsionadora das máquinas, novos modelos de gestão são desenhados no bojo da produção capitalista, a saber, o Taylorismo, o Fordismo e o Toyotismo.

O Taylorismo surge em finais do século XIX através das ideias de Frederick Taylor ensejando na Organização Científica do Trabalho (OCT), que consolida seus esforços na sistematização do processo de trabalho por intermédios dos mecanismos disciplinares, de controle e de hierarquia.

Consoante ao exposto, as particularidades da produção artesanal são reconfiguradas em detrimento das transformações preponderantes do sistema de produção capitalista; a inserção das máquinas reflete na clara cisão do trabalho intelectual do trabalho manual. Essa dissociação provoca uma contundente modificação na “[...] relação interna entre o artesão e a coisa que ele faz, desde a imagem que primeira forma dela até sua conclusão” (Mills, 2009, p. 59).

Sobre a importância desse elo, chama-se atenção ainda para o que é realmente necessário na compreensão do artesanato como trabalho: o vínculo entre o produto e produtor. Mills (2009) adverte que “[...] se o produtor não possui legalmente o produto, deve possuí-lo psicologicamente, no sentido de saber do que ele é feito no que diz respeito a habilidade, suor e materiais” (p. 60), isso significa a autonomia, a liberdade e a satisfação encontrada pelo artesão no processo do trabalho artesanal.

Sob essa mesma perceptiva, Henry Ford apresenta o fordismo, cuja principal característica é o parcelamento das tarefas, com ênfase na produção em série, padronização e produção em massa, com esforços concentrados inicialmente para o setor automobilístico.

Ainda no domínio do fordismo, nota-se que o surgimento da indústria automobilística foi demarcado pelas oficinas artesanais, as quais produziam automóveis personalizados conforme os detalhes exigidos pelo cliente. Os componentes de cada produto eram fabricados isoladamente sem padrões fixos de medida, sendo assim realizado pelos artesãos de duas em duas peças até que o encaixe do veículo fosse completo (Detregiachi Filho, Martins & Herrera, 2017).

Jorge (2011) aponta que mesmo diante de uma lógica fabril, cada montador desenvolvia habilidades artesanais, resultando em um tempo enorme, cujo ritmo de trabalho era ditado pelos artesãos. Consequentemente, a produção era lenta e o veículo custava caro.

Porém, o autor ressalta que essas habilidades artesanais eram vistas por Ford como problemas a serem superados, pois o mercado exigia respostas em termos de alta produção, lucratividade e em um tempo mais rápido. Em vista disso, passa a apresentar uma proposta de redução de custos, por meio de um mesmo sistema de medidas em todo processo de fabricação, visto na figura da esteira rolante, que dispunha os trabalhadores lado a lado na realização de suas tarefas. O ritmo passa a ser ditado pelo maquinário e tem-se uma cadência regular de trabalho controlado pela indústria e não mais pelo artesão. Isso contribuía para um trabalho, fragmentado, simplificado e repetitivo.

A fragmentação máxima do trabalho ocasionou a limitação extrema da atividade, impondo que o trabalhador não precisaria mais ser um artesão especializado, isto é, emancipasse sua intervenção criativa e a dominação de todo processo produtivo, pois cada qual é fixado em um mesmo ponto da produção o tempo inteiro (Pinto, 2007).

Essa padronização perseguida pelo fordismo reverbera no campo dos diálogos sobre as interferências no processo de criação do trabalho artesanal. A respeito disso, Lima (2005) afirma que “[...] o artesanato não é o produto de máquina” (p. 4).

O autor trata da manualidade e irregularidade que caracteriza o objeto artesanal como perfeitamente irregular e estabelece um contraponto com o ritmo de produção padronizado e em grande escala, em especial aos objetos industrializados.

A solidificação do taylorismo-fordismo abre caminhos para o declínio da produção artesanal em relação ao lugar de centralidade que ocupava no sistema produtivo e também como valor cultural. Sobre isso, Keller (2014) declara as complicações dessas formas gerenciais na contemporaneidade do trabalho artesanal, como a precarização, além de suas diversas maneiras de produção se caracterizarem como modos de subsistência social e de resistência cultural.

A substituição do cronômetro e a produção em série e de massa por uma produção mais flexível adequada à lógica do mercado ocasiona o Toyotismo, modelo de gestão que advém da fábrica Toyota, no Japão, apresentando como características básicas: produção vinculada à demanda, heterogeneidade, trabalho operário em equipe com multivariabilidade de funções e o princípio do *just in time*.

Nota-se encontros e desencontros do Toyotismo com a produção artesanal em diversos aspectos. De um lado, passa a contar com a agregação, no mesmo posto de trabalho, de máquinas de distintas finalidades, permitindo concentrar no mesmo local, diferentes funções de trabalho, antes limitadas a departamentos diferentes no espaço da fábrica pelo sistema taylorista/ fordista. A intenção era que os trabalhadores adquirissem o conhecimento, executassem e passassem a se responsabilizar por várias fases do processo produtivo total,

ensejando o desenvolvimento de múltiplas capacidades, apresentando mais autonomia e a participação da classe trabalhadora, em um denominado trabalho “artesanal” (Pinto, 2007).

Por outro lado, essa autonomia é questionada, pois o trabalhador não tem acesso à elaboração do produto, apenas a sua fabricação, podendo interferir somente nas maneiras de se produzir e não em sua concepção, propriamente.

De acordo com Jorge (2011), o Toyotismo preconiza a multivariada de funções atribuídas a um só trabalhador, denominado de polivalente, que passa a desenvolver diversas habilidades conceituais e práticas, e participar de várias etapas do processo produtivo. Nesse aspecto, guarda semelhanças com a produção artesanal, porém constata-se traços camuflados do taylorismo, visto que o caráter polivalente atribuído ao trabalhador passa a vê-lo como uma máquina humana capaz de executar múltiplas tarefas.

Apesar da polivalência que viabiliza a participação no processo de trabalho como todo, Carvalho (2016) afirma que o Toyotismo não empodera o trabalhador, mas sim “[...] o coloca como uma ferramenta de produção qualificada, 'maquiando' sob novas formas e políticas de gestão trabalhistas, o intuito de que esse trabalhador se torne uma 'máquina humana de executar múltiplas tarefas'” (p. 36).

Os debates sobre essas novas configurações encontradas na produção artesanal entre os diferentes contextos são amplos, alternando retrocessos e progressos em seu percurso teórico. Contemporaneamente, cabe aqui evidenciar importantes posições encontradas pelos estudiosos acerca dessa temática.

Para Herman (2017), o artesanato perde seu caráter utilitário, ou seja, de subsistência, ficando no esquecimento em detrimento dos produtos industrializados. A autora reforça ainda que, atualmente, o artesanato necessita atender a uma demanda mercadológica, modificando o seu modo tradicional de fazer, aspecto que direciona esse tipo de trabalho para uma dimensão conturbada e confusa, pois para ser valorizado, precisa ser tradicional; entretanto, precisa, ao mesmo tempo, se adequar para poder resistir e responder aos anseios do mercado.

Em contrapartida, Freitas (2017) afirma que, mesmo diante das intensificações produtivas, no cerne da produção artesanal ainda predomina um sistema produtivo rudimentar. No entanto, ao almejar atender as oportunidades oferecidas pela abertura do mercado e a espontaneidade produtiva, pode transformar-se num sistema precário, de intensificação do trabalho, resultando em um prejuízo na qualidade final do produto e, principalmente, nas condições de trabalho do artesão.

Em vista desses desdobramentos aferidos à produção artesanal, é imperioso questionar o que ainda persiste das suas características tradicionais? Mesmo que seja exaustivo as possíveis

repostas para essa indagação, é certo que todas essas transformações apresentam incertezas ao trabalho do artesão, ao pôr em risco a concepção e execução da atividade artesanal, a participação e apropriação em todas as etapas desse processo produtivo diante das imposições do modo de produção capitalista e de suas variadas formas de gestão.

## Método

### *Tipo de Estudo*

A presente pesquisa, quanto a finalidade, classifica-se como um estudo de natureza aplicada e em relação aos objetivos, a pesquisa é do tipo descritiva e exploratória. Acerca dos métodos empregados, isto é, a forma como os dados foram obtidos e os procedimentos adotados para análise e interpretação, optou-se por uma abordagem quanti-qualitativo e o delineamento metodológico deste estudo abordou, ainda, a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo.

### *Local da Pesquisa*

O objeto deste estudo está inserido na região rural de São Luís, precisamente na comunidade Vila Primavera, situada no Distrito Industrial do município de São Luís-ma (DISAL) (Figura 1). Localizado a sudeste da ilha do Maranhão, à margem esquerda da rodoviária BR-135, no bairro Maracanã, o Distrito Industrial, criado pelo decreto estadual nº 7.646/1980, abrange uma área total de 19.712 hectares com um predomínio de uma diversidade de indústrias.

### **Figura 1.**

*Mapa de localização do Distrito Industrial de São Luís – MA.*



*Nota:* Pinheiro (2020)<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Mapa elaborado por Elison André Leal Pinheiro, geógrafo do Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (IMESC).

Com atenção para a geração de renda na comunidade em estudo, o artesanato em fibra de buriti apresenta-se como um importante aliado ao desenvolvimento local, contribuindo, principalmente, para a inserção social da mulher, em especial, nas atividades produtivas. Destaca-se que a potencialidade para o desenvolvimento desse artesanato advém das condições ambientais e culturais que o estado do Maranhão apresenta.

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (2021) revelam que, em 2021, o estado do Maranhão apresentou uma produção de 116 toneladas/ano da fibra de buriti, correspondendo a 24,5 % do total de produção do País. Assim, o Maranhão ocupa o segundo lugar no ranking dos estados nessa produção.

Verifica-se a importância da participação da fibra do buriti no mercado artesanal maranhense, tanto na capital ludovicense como nos interiores do Estado, e associa-se, a esse desenvolvimento da produção artesanal, a articulação a diversos outros setores, tais como turismo, vestuário/moda, arquitetura e decoração etc., o que contribui para a geração de renda, reafirmando, assim, a relevância econômica dessa produção (Keller, 2011).

A pesquisa foi realizada na Associação Mulheres de Fibra, conforme vista na figura 2. A escolha deste local se justifica por ser uma associação que desenvolve um artesanato tipicamente tradicional, atuando na produção de diversas peças (descanso de panela, porta moeda, jogo americano e bolsas de diferentes modelos) cuja matéria prima principal utilizada, a fibra do buriti, apresenta um valor simbólico cultural para a região.

### **Figura 2.**

*Instalações físicas da Associação Mulheres de Fibra.*



Conforme comentários das artesãs, a associação em estudo iniciou sua trajetória ainda em 2002 por meio de iniciativas da Organização Não Governamental Visão Mundial, que

oferecia cursos profissionalizantes no intuito de gerar emprego e renda para alguns bairros e comunidade da capital São Luís, incluindo a comunidade Vila Primavera. Na ocasião, a ONG ofereceu cursos para aprendizagem de técnicas de trançado com fibra de buriti, com a intenção de utilizar a matéria prima da própria localidade.

Em 2008, com a finalização dos cursos, o grupo de mulheres envolvidas nessas iniciativas obtiveram o apoio do designer Marcelo Medeiros para continuação das atividades e, por seguinte, a formalização do grupo em Associação Buriti Arte, conhecida comumente como Associação Mulheres de Fibra. Sob uma atuação formal, a associação apresentou, em sua composição inicial, 22 artesãs e, na construção da sua história, obteve uma série de conquistas e parcerias com outras instituições, dentre elas: Instituto HSBC Solidariedade no Projeto “Mulheres de Fibra”; Instituto Sinergia – Gestão e Cidadania no Projeto “Mulheres de Fibra”; Instituto WAL MART; e Instituto de Desenvolvimento do Artesanato Maranhense (IDAM).

Em resposta ao reconhecimento do seu trabalho, a associação coleciona como ganhadora da 2ª, 3ª e 4ª edições do Prêmio Sebrae Top 100 de Artesanato que busca premiar as cem melhores unidades de produção artesanal do País, no tocante à qualidade de seus produtos e suas práticas gestão.

Assim, a Associação Mulheres de Fibra continua a desenvolver suas atividades, expressando sua importância no que toca aos aspectos econômicos, ao ser um meio para geração de renda na comunidade e, nos aspectos culturais, pela transmissão tradicional do saber fazer do artesanato em fibra de buriti.

### ***Participantes***

A população de referência para este estudo é composta pelas artesãs residentes no município de São Luís-MA que, segundo dados provenientes do Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (SICAB-MA), contabilizava, até na fase inicial desta pesquisa, 205 artesãs. Esse dado contempla somente as cadastradas no Programa de Artesanato Brasileiro (PAB)<sup>2</sup>.

A amostra foi caracterizada do tipo não probabilística, pois não precedeu uma fundamentação estatística e dependeu, exclusivamente, de critérios pré-estabelecidos pela pesquisadora, conforme os objetivos deste estudo; e também, do tipo por acessibilidade (conveniência), mediante o fácil acesso obtido no percurso do estudo, sendo possível a

---

<sup>2</sup> Informações obtidas em pesquisa de campo de forma verbal.

realização de visitas na associação investigada. Participaram, assim, sete artesãs.

Desse modo, tem-se como critério para inclusão dos sujeitos participantes: aceitar participar da pesquisa; ser residente do município de São Luís-MA; ter idade igual ou superior a 18 anos; ser, de fato, uma trabalhadora artesã, atendendo a perceptiva da Base Conceitual do Artesanato prevista no art. 8 da Portaria nº 1.007 de 11 de junho de 2018. Já para os critérios de exclusão: não aceitar participar da pesquisa; não ser residente do município de São Luís-MA; ter idade menor de 18 anos; não atender aos critérios de definição de trabalhador artesã apresentado na Base Conceitual do Artesanato em seu §5 do art. 8 pela Portaria nº 1.007 de 11 de junho de 2018.

### ***Procedimentos de Coleta de Dados***

O processo de coleta de dados desta pesquisa ocorreu em dois momentos. O primeiro momento se deu com a entrada gradual em campo. Houve um contato prévio, com a Superintendência do Centro de Comercialização da Produção Artesanal do Maranhão (CEPRAMA).

Para esse primeiro momento da coleta, contou-se também com a visita em algumas instituições que comportavam material bibliográfico importantes para o desenvolvimento da literatura concernente ao artesanato, em destaque: o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

No segundo momento realizou-se o primeiro contato direto com o local do estudo, onde foi exposto a finalidade desta investigação às artesãs, as quais consentiram em participar e materializou-se com a coleta dos dados. Com a realização de várias visitas ao local de estudo, a consecução dessa fase foi mediada pelos seguintes instrumentos metodológicos: observação, diário de campo, questionários, entrevistas e registro fotográfico.

### ***Instrumentos da Pesquisa***

**Observação:** apropriou-se da observação do tipo sistemática, pois sua aplicação em campo precedeu de um planejamento, materializada em um roteiro simples, disposto em duas partes distintas: a primeira sobre o processo de trabalho; e a segunda referente as técnicas utilizadas e as interações sociais no ambiente de trabalho

**Diário de campo:** permitiu os registros das observações e reflexões obtidas durante o trabalho em campo, além da possibilidade de captura de detalhes e complexidades apreendidas no momento. Ressalta-se que os registros dessa observação foram viabilizados por meio de gravações, sons e fotografias, sob o consentimento das participantes.

**Questionário:** foi utilizado um questionário com perguntas fechadas com o objetivo de conhecer o perfil das artesãs, incluindo aspectos como idade, tempo de experiência com o artesanato, endereço, estado civil, entre outros fatores que forneceram uma base de dados relevante para uma compreensão mais aprofundada dessas trabalhadoras.

**Entrevista semiestruturada:** a escolha por essa tipologia proporcionou, em determinadas ocasiões, esclarecer algumas perguntas direcionadas às artesãs na intenção de obterem total compreensão do que estavam sendo questionadas. Em questão, buscou-se conhecer a maneira como as artesãs entendem o trabalho que executam, a história construída com artesanato e suas perspectivas quanto a continuidade desse saber-fazer, como também aspectos pertinentes ao desenvolvimento dos seus trabalhos.

**Câmara Fotográfica:** O uso de fotografias foi outro recurso utilizado, com a devida permissão das participantes. Alves, Rodrigues, Salvador e Mendonça (2019) explicam que a utilização desse tipo de registro “permite que os participantes expressem suas ideias de forma não verbal e que capturem momentos que os remetam a uma determinada temática, a partir de uma visão de mundo peculiar e exclusiva de cada um” (p. 155). Diante disso, o uso dos registros fotográficos apresentou-se como uma ferramenta influente para esta investigação, permitindo a captação de significados e, conseqüentemente, uma melhor compreensão do objeto de estudo.

### ***Procedimentos da Análise***

Para realização dessa pesquisa, empreendeu-se a análise quantitativa e qualitativa dos dados coletados em campo.

No que concerne a quantitativa, utilizou-se a análise estatística descritiva mediante mensuração e análise de variáveis pré-estabelecidas, identificadas e confirmadas em campo. A fim de explicar a sua ocorrência e a influência sobre outras, demonstrou-se os resultados obtidos a respeito do perfil das artesãs e suas correlações estatísticas. Para isso, todos dados obtidos por meio da aplicação dos questionários foram registrados e analisados no *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) 25.0.

Quanto à análise qualitativa, procedeu-se as transcrições literais de todas as entrevistas gravadas. Subseqüentemente, foram tratados por meio da Análise de Conteúdo de Bardin

(2011), um conjunto de técnicas de análise das comunicações, utilizando procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, que tem como principal intenção a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente de recepção), ocorrendo por meio de indicadores quantitativos ou não.

### ***Procedimentos Éticos***

No que tange aos aspectos éticos, esta pesquisa está de acordo com a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde que rege sobre a ética da pesquisa envolvendo seres humanos, direta ou indiretamente, assegurando a garantia de preservação da privacidade dos sujeitos de pesquisa, assim como todos os direitos sobre os princípios éticos como: Beneficência, Respeito e Justiça (Brasil, 2016). Ressalta-se, ainda, que a presente pesquisa de dissertação teve aprovação perante o Comitê de Ética sob CAEE 28750920.1.0000.5087 e todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

## **Análise e Discussão de Dados**

### ***Perfil das Artesãs***

Os dados apresentados a seguir versam sobre as características sociodemográficas das setes artesãs investigadas que compõem o objeto de estudo em análise, a Associação Mulheres de Fibra. Nessa intenção, foram abordadas a inter-relação das seguintes variáveis: local de nascimento, logradouro, idade, grau de escolaridade, estado civil, filhos e tempo de exercício no artesanato.

**Tabela 1.**

*Cruzamento das variáveis local de nascimento e endereço atual*

Local de Nascimento	Endereço Atual	Total
	São Luís-MA	
Brejo-MA	14,30%	14,30%
Rosário-MA	71,40%	71,40%
São Luís-MA	14,30%	14,30%
Total	100,00%	100,00%

%%: Porcentagem.

A partir dos dados obtidos pelas artesãs, conforme apresentado na tabela 1, observou-se que 100% residem atualmente em São Luís, local onde encontra-se a associação pesquisada. Ainda no tocante a essa totalidade, 71% das artesãs são provenientes do município de Rosário, refletindo em um movimento do interior para capital. Diante dessa mobilidade espacial, é possível notar uma busca por melhor qualidade de vida encontrada na possibilidade quer seja de trabalho, estudo, aquisições materiais, relacionamentos etc.

Borges (2019) assinala que, em face aos programas de requalificação do artesanato, emerge uma possibilidade de permanência das artesãs em sua região de origem com um nível de qualidade de vida que só poderia ser obtido se fossem para cidade. Em vista desta observação e atentando ao objeto em análise, percebeu-se que, atualmente, essa mobilidade espacial está em inércia, e as artesãs mais recentes da associação são oriundas da própria capital.

## **Tabela 2.**

*Cruzamento das variáveis grau de escolaridade e estado civil.*

Grau de Escolaridade	Estado Civil		Total
	Solteira	Casada	
Ensino Fundamental Incompleto	0%	28,60%	28,60%
Ensino Fundamental Completo	0%	28,60%	28,60%
Ensino Médio Completo	14,30%	28,60%	42,90%
Total	14,30%	85,70%	100,00%

%; Porcentagem.

A partir da tabela 2 verificou-se que 85,7% das artesãs são casadas, o que representa uma participação majoritária na composição do objeto em estudo. Ainda sobre esse percentual em destaque, somente 28,60% possuem ensino médio completo, revelando um baixo grau de escolaridade deste subgrupo. Com relação à expoente participação das artesãs casadas e o baixo nível de escolaridade apresentado por esse subgrupo considera-se algumas reflexões.

Primeiramente, compreende-se a família como uma unidade de produção, na qual a mulher contribui economicamente para a subsistência do lar (Saffioti, 1976). Essa reflexão, em diálogo com o estudo presente, permitiu verificar que as artesãs casadas têm participação na renda mensal familiar por meio do artesanato.

Outro aspecto suscitado para análise alicerça-se na ideia de que o artesanato é um trabalho predominantemente feminino e consiste em uma alternativa compatível com outras funções socialmente designadas às mulheres, a exemplo, as atividades da família (Davel, Cavedon & Fischer, 2012; Barroso & Frota, 2010). Visto isso, percebeu-se em campo que a flexibilidade do trabalho artesanal permite a continuidade das atividades domésticas

desenvolvidas por essas artesãs. Conforme relatado, em tempos de maiores demandas, levam alguns trabalhos da associação para finalizar em casa.

Sobre essa dinâmica, a Entrevistada 5 (idade 32 anos) relata “é um pouco atrapalhado, mas dá”, quando questionada quanto a assistência dada a filha, respondeu: “ah a gente conciliar né, é um pouco atrapalhado mais dá, tem que dá...ela acaba acostumando, acostuma” (Informação verbal).

Por seguinte, em razão da própria dinâmica do artesanato que se retrata como um trabalho “prático e de aprendizagem informal”, conforme apontam Cunha e Vieira (2009, p. 260), observa-se, nesse contexto, que comumente as exigências de maior escolaridade para exercício de seus ofícios não são impostas às artesãs, tal como ocorre no mercado formal.

Coadunando a isso, Freitas (2017) explica que os praticantes dessa atividade apresentam um grau de escolaridade bastante elementar: alguns não sabem ler e escrever, e aprendem a desenvolver esses ofícios com familiares. Ao olhar com criticidade para esse cenário que se delinea pela baixa escolaridade das artesãs, conforme apontam os dados, constata-se um grande ônus para o contingente feminino, como a própria marginalização da mulher na ocupação de artesã.

### **Tabela 3.**

*Cruzamento das variáveis idade e número de filhos.*

Idade (anos)	Número de Filhos					Total
	0	1	2	3	5	
30	14%	0%	0%	0%	0%	14%
32	0%	14%	0%	0%	0%	14%
34	14%	0%	0%	0%	0%	14%
38	0%	0%	0%	14%	0%	14%
57	0%	0%	0%	14%	0%	14%
60	0%	0%	0%	0%	14%	14%
63	0%	0%	14%	0%	0%	14%
Total	28%	14%	14%	29%	14%	100%

%; Porcentagem.

Concernente à tabela 3, do total dos dados obtidos, 28% das artesãs não possuem filhos, de outro modo, 71% possuem. Analisar esse perfil retorna as discussões que repousam sobre a participação da mulher no trabalho artesanal e sua associação como uma atividade inserida na esfera reprodutiva, entre o cuidado do filho e o artesanato, o que as levam a encarar altas jornadas de trabalho (Barroso & Frota, 2010).

No que se refere à idade, as artesãs apresentam uma faixa etária variável, na qual é possível observar um encontro de gerações, mães e filhas, em uma troca de saberes e fazeres, que possibilita perpetuar a tradicionalidade do artesanato em fibra de buriti. Huberman (2012) assente essa troca como uma relação mestre-aprendiz oriunda das corporações de ofícios, no caso analisado, estabelecido pelos laços familiares.

**Tabela 4.**

*Cruzamento das variáveis Tempo de Exercício com o Artesanato em Fibra de Buriti e Tempo de Exercício na Associação.*

Tempo de exercício com o artesanato em fibra de buriti (em anos)	Tempo de exercício na associação (em anos)					Total
	10	12	14	15	19	
10	29%	0%	0%	0%	0%	29%
14	0%	0%	14%	0%	0%	14%
15	0%	14%	0%	29%	0%	43%
19	0%	0%	0%	0%	14%	14%
Total	28,6%	14,3%	14,3%	28,6%	14,3%	100,0%

%; Porcentagem.

Baseado nas discussões dos dados da tabela 4, observou-se em geral uma compatibilização entre o tempo de exercício com o artesanato em fibra de buriti e o tempo que as artesãs trabalham na associação analisada, isto é, 86% das artesãs, ao ingressarem na associação, concomitantemente obtiveram as primeiras experiências com o artesanato em fibra de buriti. Notou-se também que 43% das artesãs pertencem à associação há 15 anos, o que fortalece um vasto conhecimento e experiência do artesanato que desenvolvem.

### ***O Trabalho artesanal e sua tradicional***

Para fins de análise do trabalho artesanal, abordou-se questões referentes ao surgimento e continuidade no artesanato. Assim, foram ouvidas seis artesãs que exercem ativamente suas atividades na associação investigada. Assim, foi estabelecida a seguintes categorias para análise: Ingresso e tradicionalidade: aspectos de ingresso e permanência no trabalho artesanal. Assim, as entrevistadas apresentaram os seguintes relatos: - Como o artesanato surgiu em sua vida?

“Através de curso, trabalhou e quando terminou o curso né, o rapaz que dava curso pra gente, ficou trabalhando voluntariamente com a gente e isso a gente ficou trabalhando

com ele, nunca largamos” (Entrevistada 2, idade 55 anos). (Informação verbal).

Olha foi um projeto aqui no bairro, Visão Mundial, através desse projeto, aí a presidente foi lá em minha casa perguntando se não queria fazer esse curso, é 15 dias de curso, esses 15 dias foram 6 meses, aí depois que acabou o curso, aí nosso design que acompanhava a gente, o Marcelo Medeiros, perguntou se a gente ia largar de mão ou se a gente quer trabalhar individual, assim... pra fazer um grupo, aí fizemos esse grupo, aí até hoje estamos aqui. (Entrevistada 3, idade 57 anos). (Informação verbal).

“Então foi a partir de um curso de fazer alça pra bolsa, primeiro a gente começou fazer alça pra bolsa, aí foi daí que a gente começou com a bolsa e outras peças” (Entrevistada 5, idade 32 anos). (Informação verbal).

Verificou-se que a inserção das artesãs no universo artesanal foi motivada, principalmente, pela atuação de atores sociais, tais como ONG's, explícita na figura da Visão Mundial. Em que pese a atuação desses atores, é necessário atentar “[...] a expansão do número de pessoas e instituições com atuação no campo do artesanato é um fato” (Borges, 2019, p. 199).

No entanto, é substancial um maior interesse de parcerias na articulação e fortalecimento do artesanato na sociedade. Ponderar isso, é considerar o quão importante é a articulação conjunta desses atores sociais na construção de outros e novos caminhos para transformar as desigualdades sociais nas regiões mais periféricas. Na própria fala da Entrevistada 3, a oportunidade em “trabalhar individual” denota que o artesanato proporcionou à comunidade a alternativa de geração de renda e bem-estar, por meio da motivação de potencialidades desse novo ofício.

Conforme Ferreira (2011, p. 257), uma das fontes de bem-estar para o trabalhador consiste no sentimento de ser útil, isto é, “atender aos anseios e às expectativas da sociedade; poder promover a justiça; contribuir para a igualdade social”. Considerando a narrativa apresentada pela entrevistada, percebe-se que a possibilidade de inserção no mercado de trabalho por meio de um ofício artesanal contribui para o bem-estar das artesãs. O trabalho artesanal é reconhecido como uma maneira de essas mulheres encontrarem sua própria voz e estabelecerem uma reconexão pessoal e de empoderamento, ao se expressarem e se autoafirmarem em uma sociedade marcada pelas desigualdades.

Além disso, o trabalho artesanal assume um papel crucial no empoderamento feminino, especialmente por ser uma atividade predominantemente exercida por mulheres.

Em pesquisa realizada por Barroso e Frota (2010) sobre o trabalho artesanal e as determinações de gêneros em mulheres artesãs, são apresentados dados que corroboram com a aplicação da divisão sexual do trabalho na produção artesanal. Assim, os pesquisadores concluem que o artesanato não é considerado “coisa de homem”, exceto algumas tipologias que utilizam determinada matéria-prima, tais como ferro, madeira, aço e afins. Ao artesanato são concedidas qualidades essencialmente femininas, como a delicadeza e o carinho, cuja atribuição remete ao princípio da separação da divisão sexual do trabalho.

Entretanto, percebe-se que o artesanato perpassa por uma dupla exclusão. De um lado, constitui uma atividade que não se adequou à produção industrial em massa, devido a apresentar características de trabalho manual e criativo. Por outro lado, foi historicamente desprezado e atribuído exclusivamente às mulheres, sendo usado como um meio de mantê-las confinadas ao espaço doméstico (Silva, 2012).

No que toca ao objeto de estudo desta pesquisa, observou-se em campo que a própria flexibilidade do trabalho artesanal permite a continuidade das atividades domésticas desenvolvidas por essas artesãs. Conforme relatado, em tempos de maiores demandas, levam alguns trabalhos da associação para finalizarem em casa. Sobre essa dinâmica, a Entrevistada 5 (idade 32 anos) relata: “é um pouco atrapalhado, mas dá”, quando questionada sobre a assistência dada à filha, respondeu: “ah, a gente concilia né, é um pouco atrapalhado, mas dá, tem que dar... ela acaba acostumando, acostuma” (Informação verbal).

Barroso e Frota (2010, p. 6) em seus estudos sobre o trabalho artesanal e gênero, apontam que o fato da produção artesanal acontecer nos espaços das casas das artesãs reflete uma continuidade da reprodução dos papéis sexuais estabelecidos. Mesmo que essas trabalhadoras tenham auxílio de terceiros para suas atividades domésticas, ainda sim cristaliza-se essa responsabilidade doméstica incumbida à mulher.

Souza e Guedes (2016, p. 125) explicam que, especialmente no cerne da sociedade capitalista, de forma histórica e cultural, “[...] sempre coube à mulher a responsabilidade pelos cuidados com a casa e com a família, independentemente de sua idade, condição de ocupação e nível de renda”. Conforme os autores, as atribuições domésticas sob a responsabilidade das mulheres advêm de um discurso que perdura até hoje, da naturalidade feminina para o cuidado. Nesse sentido, Labiak et al. (2023, p. 3) afirmam que há uma responsabilização das mulheres pela prática do cuidado, onde essa imposição “foi construída socialmente por práticas discursivas normativas, e que atingem o ápice da estereotipagem com a experiência da maternidade.”

Ponderando que o trabalho em estudo está sendo analisado em um contexto rural e delineado pela informalidade e pelas construções histórico-culturais desse cenário, torna ainda mais profundas as discussões, o que reverbera na acentuação da divisão de trabalho desigual. Em atenção a esse contexto, Maciel et al. (2023, p. 11), ao investigar o trabalho de ribeirinhos, especificamente no contexto rural, observaram que as mulheres, além de realizarem o trabalho doméstico, também ajudam os homens no trabalho fora de casa, resultando em uma divisão de trabalho desigual e que “neste caso do trabalho rural, o trabalho doméstico, ao que parece, é naturalizado como uma atividade que deve ser realizada pela mulher.”

Tal cenário intensifica-se ao se tratar do trabalho artesanal. Desse modo, Barbosa e D’ávila (2014, p. 142) comentam que a mulher artesã desempenha um trabalho que agrega aspectos como o desenvolvimento cognitivo, psicológico, político e econômico, determinantes para o “empoderamento” individual e coletivo. Porém, percebe-se que essa participação feminina não acontece de forma equilibrada, reafirmando as desigualdades vivenciadas pelas artesãs na divisão sexual do trabalho.

Sem eximir-se dessa lógica, pensar o trabalho artesanal incumbe concebê-lo como um instrumento de subsistência que, tradicionalmente desenvolvido sob condições de longas jornadas de trabalho, tem como desafio conciliar com as atividades domésticas e a criação dos filhos, passando a permear os espaços públicos.

Nessa possibilidade de estar nesses espaços, diante das intempéries encontradas na dinâmica e contexto do trabalho artesanal, percebe-se que este apresenta-se como um meio para a realização do ser social. Isso significa que, mediante sua produção, a artesã consegue desenvolver além de sua habilidade artesanal, a sua própria natureza; “[...] nesse sentido, vive no seu trabalho através dele, e esse trabalho o manifesta e revela para o mundo” (Mills, 2009, p. 61).

O trabalho artesanal proporciona às artesãs não apenas aspectos identitários, mas também a oportunidade de serem reconhecidas nos espaços públicos de comercialização. Isso configura-se como um dos fatores determinantes para o envolvimento das mulheres com o artesanato (Barroso & Frota, 2010, p. 10).

Todavia, é necessária a devida atenção à atuação pública e das entidades de fomento, estas por meio da promoção de cursos de aperfeiçoamentos e gestão, pois apesar de serem importantes para o desenvolvimento do artesanato, é necessário atentar as influências direcionadas à dinâmica do trabalho artesanal. Como Souza, Sousa, Sá & Leal (2020) pontuam, ao discorrer sobre as possibilidades de ressignificação do artesanato e da identidade da artesã,

há o ávido discurso de produtividade e lucratividade, resultando na imposição de padrões inerentes da economia capitalista ao artesão.

Entretanto, notou-se que essa inserção não se limita somente à ação de atores sociais como aqui já comentado, mas aborda influências familiares, segundo afirmações das próprias entrevistadas:

“Através das minhas **irmãs**, elas já participaram e me convidaram” (Entrevistada 1, idade 38 anos). (Grifo nosso, informação verbal).

A **mamãe** que fez o curso, aí quando ela trazia o trabalho pra casa, aí a gente ajudava, às vezes eles passavam, criavam uma peça lá, e ela trazia pra casa pra finalizar, aí com isso eu entrei no grupo (Entrevistada 4, idade 30 anos). (Grifo nosso, informação verbal).

“Através da minha **mãe**, pois ela trabalhava e eu e minhas irmãs ajudava, daí fui tendo aquele amor pelo artesanato” (Entrevistada 6, idade, 31 anos). (Grifo nosso, informação verbal).

O ingresso na prática artesanal apresenta motivações advindas também de um âmbito familiar. O “trazer o trabalho para casa” apresenta-se como um plano para aprendizagem das técnicas artesanais obtidas no cerne da associação. Essa influência, mesmo de forma tímida, desperta o interesse pelo trabalho entre os participantes da família, o que representa um papel na reconstituição histórica dessa atividade ao longo do tempo (Davel et al., 2012; Ferreira, 2014).

Nessa dimensão familiar, é visto também que a aprendizagem e a difusão das técnicas artesanais se inserem em uma relação que vai além de “[...] uma garantia de continuidade de geração de renda de trabalho e renda para família”, ao permitir um senso de pertencimento do local (Davel et al., 2012, p. 328).

Há que se discutir que as artesãs entrevistadas desenvolvem um artesanato tradicional, com fundamento na Base Conceitual do Artesanato de 2018, em que esse saber e fazer é aprendido pelos membros da família e também pela comunidade na qual a associação está inserida, favorecendo a transmissão de conhecimentos e um arsenal de técnicas que passam ser perpetuadas a fim de preservar a memória cultural da comunidade.

Ainda explorando a categoria Trabalho e tradicionalidade, suscitou-se a seguinte pergunta “Você gostaria que seu filho ou filha trabalhasse na ocupação de artesão? Por quê?”

Diante desse questionamento, notou-se, pela fala de algumas entrevistadas, incertezas

e, até mesmo, omissões em apresentar o interesse em perpetuar o artesanato praticado entre a família. Assim, a Entrevistada 1, sob risos, afirmou que “mais ou menos... porque, ah não sei nem como explicar. [...] (Informação verbal). No fragmento “não saber explicar” da narrativa da artesã, é possível encontrar reflexões distintas acerca do interesse pela manutenção da tradição do trabalho artesanal pela nova geração.

Em observância em campo, foi comum notar a presença de filhos, netos e sobrinhos das artesãs nos espaços da associação, que entre as confecções dos artefatos, brincam e socializam-se com outras crianças ali presentes. É nesse cotidiano híbrido que inicia o primeiro contato dessa geração com os saberes-fazeres artesanais. A observância, mesmo de forma despreziosa, dos trabalhos ali realizados pelas mães, tias e avós, é um potencial motivo para despontar o interesse pelo artesanato.

Todavia, há um tensionamento entre continuar ou não a tradição artesanal pela nova geração. Um estudo realizado por Souza et al. (2020) sobre os gatilhos que provocam o desengajamento do trabalho artesão, foram identificados: a dificuldade de transmissão geracional; o declínio do valor simbólico no que toca ao seu reconhecimento; a deficiência nos incentivos do poder público; e a instabilidade financeira por conta da informalidade significativa encontrada no setor artesanal, o que enseja no anseio em explorar outras profissões.

Em relação a instabilidade financeira e informalidade, pode-se inferir dois aspectos: a possibilidade de trabalhar por conta própria e paralelamente está a mercê das demandas e variações do mercado, segundo os ganhos adquiridos sobre as vendas dos produtos confeccionados pelas artesãs, por vezes, não custeiam os recursos empregados, não somente materiais, mas, principalmente o trabalho. Desse modo, ao serem questionadas se os clientes reclamavam quanto aos preços das peças confeccionadas, as artesãs afirmam:

Aqui em São Luís, sim! Pra fora não, têm muitos que acham é barato, entendeu? Aí a gente explica né, porque tudo é **feito manual**, os maquinários são só para isso aqui [cortes, perfuração], o restante é tudo tecido manual (Entrevistada 2, 32 anos) (Grifo nosso, informação verbal).

A manualidade que as artesãs enaltecem em seu trabalho confere aos seus produtos um valor agregado, especialmente o valor de estima. Freitas (2017) explica que esse valor se manifesta em função de diversos outros aspectos que compõem o contexto do artesanato, tais como a manifestação cultural, a matéria-prima típica de determinada região, a tradição e a

habilidade técnica dos artesãos.

A manualidade na confecção do artesanato desenvolvido pelas participantes tem um impacto direto na valorização dos produtos artesanais no mercado. Barroso e Frota (2010) destacam que o trabalho artesanal proporciona às artesãs, além de aspectos identitários, a partir do que pensam e executam, a oportunidade de serem reconhecidas nos espaços públicos de comercialização, configurando-se como um dos fatores determinantes para o envolvimento das mulheres com o artesanato.

O valor atribuído pelas artesãs ao trabalho que realizam reverbera no próprio sentido do trabalho, ou seja, no reconhecimento do trabalho. Observa-se uma valorização cultural, onde o trabalho das artesãs é reconhecido como parte integrante da herança cultural de sua comunidade, ganhando status e respeito por manterem vivas as tradições de geração em geração.

Além disso, identifica-se um aumento na autoestima e motivação das artesãs, resultado de um reconhecimento positivo, no qual passam a ser apreciadas e valorizadas por seu talento, habilidade e esforço pessoal. Isso valida o esforço e o tempo investidos no desenvolvimento de suas habilidades.

### **Figura 3.**

*Produtos - bolsa, estojos, porta moedas, porta copo.*



A própria imprecisão quantitativa quanto ao número de artesãos não cadastrados no Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro, conforme apontados nas linhas introdutórias desta pesquisa, corrobora com a informalidade encontrada nesse setor.

Em contraponto, as demais entrevistadas apresentam respostas afirmativas quanto à continuidade do artesanato sob essa dimensão familiar. - Você gostaria que seu filho (a) trabalhasse na ocupação de artesão? Por quê?

“Sim, gostaria que elas continuassem” (Entrevistada 3, idade 57 anos). (Informação verbal).

“Sim... porque eu acho que é um trabalho prazeroso, eu gosto. **É um trabalho como qualquer outro**” (Entrevistada 4, idade 30 anos). (Grifo nosso, informação verbal).

“Acho que sim... porque também **como se fosse pra distrair** ela própria e pra dar continuidade” (Entrevistada 5, idade 32 anos). (Grifo nosso, informação verbal).

“O artesanato é bom, mas aí deixo por conta delas” (Entrevista 6, idade 31 anos). (Informação verbal).

Atentando às minuciosidades das falas acima, a Entrevistada 4, ao assimilar o artesanato a “*um trabalho como qualquer outro*”, tenta desmistificar a concepção preconceituosa que lhe fora atribuída ao longo do tempo. Sobre isso, Borges (2019) comenta que as peculiaridades encontradas no trabalho artesanal, tais como a manualidade, pressupõem, historicamente, uma atribuição de inferioridade às coisas feitas à mão, visto como “coisa de escravo”, e de preferência que não pensem – não pensem bobagens, que “peguem no pesado” (p. 221).

Nesse mesmo sentido, Silva (2012) discorre sobre uma dupla exclusão consentida ao trabalho artesanal, que alude a uma atividade que não se adequou a produção industrial em massa e, por ser historicamente desprezado e atribuído exclusivamente às mulheres, usado como meio de mantê-las ao espaço doméstico.

### Considerações Finais

O presente estudo buscou descrever o perfil das artesãs ludovicenses da Associação Fibra do Buriti e sua percepção sobre a tradicionalidade de seu trabalho. Os resultados desta pesquisa derivaram das compreensões compartilhadas pelas artesãs sobre seu próprio trabalho. Foram identificadas características relevantes no perfil dessas trabalhadoras: a maioria delas é casada e tem filhos, contribuindo financeiramente para a renda familiar por meio de seu trabalho. No entanto, enfrentam o desafio de conciliar suas atividades como artesãs com as responsabilidades domésticas. Além disso, apresentam baixa escolaridade, o que reflete as desigualdades educacionais no Brasil, especialmente entre os trabalhadores artesanais. No entanto, essa deficiência deve ser encarada como um desafio, e políticas públicas eficazes devem ser formuladas para promover o desenvolvimento dessas artesãs em consonância com suas habilidades e tradições em um mundo em constante evolução. Elas também têm uma longa experiência no artesanato em fibra de buriti, sugerindo a participação de diferentes gerações

familiares nesse ofício. Praticam um tipo de artesanato tradicional dentro de uma comunidade que mantém sua identidade local.

Quanto à tradicionalidade, esta pesquisa revelou que o trabalho artesanal em fibra de buriti desempenha um papel fundamental na preservação da identidade e tradição da comunidade estudada. Esse ofício permite a transmissão de conhecimentos que mantêm os métodos específicos desse artesanato.

No entanto, a questão da tradicionalidade é ainda objeto de discussão, conforme relatado por algumas artesãs neste estudo. Algumas delas enfrentam desafios para envolver suas gerações mais jovens na prática e perpetuação do artesanato em fibra de buriti, devido a problemas como a informalidade e a instabilidade financeira. Essa situação é sustentada na premissa de que as gerações mais jovens muitas vezes preferem buscar oportunidades mais estáveis e com condições de remuneração melhores. Isso destaca a necessidade de uma atenção especial por parte dos atores públicos a esse trabalho, que se configura como um importante instrumento de resistência cultural e política ao afirmar suas singularidades como trabalhadoras artesãs e a importância cultural de seus produtos, especialmente em face das imperiosas mudanças do modo de produção capitalista.

Adicionalmente, é importante discutir como o modo de produção capitalista afeta o cenário do trabalho artesanal. Considerando o foco do capitalismo na produção em massa, na globalização e na maximização do lucro, ele constantemente apresenta meios de impactar a produção artesanal que não se adequa a esse paradigma.

Como visto neste estudo, as artesãs da Associação Fibra do Buriti, por produzirem em pequena escala e de forma tradicional, ou seja, totalmente manual e com características peculiares ao seu modo de produção, enfrentam dificuldades para competir com produtos industrializados que são vendidos a preços mais baixos e em maior quantidade. Essas dificuldades podem ser percebidas nas reclamações sobre os preços dos produtos artesanais, conforme relatado nesta pesquisa.

O encadeamento iminente desse cenário desemboca em desafios mais agravantes para o trabalho artesanal, como a pressão para modernizar técnicas e produtos. No entanto, é imprescindível encontrar um equilíbrio, ainda que com muitos obstáculos, entre a valorização cultural do artesanato e a necessidade de inserção no mercado capitalista, sem sacrificar as tradições. Afinal, o produto que as artesãs, especialmente deste estudo, contemplam e se orgulham no final de todo o seu processo manual e criativo, certifica-se de que não estão diante de uma mera mercadoria, mas sim de algo que envolve tradições, valores e significados, resistindo e persistindo na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

- Alves, K., Rodrigues, C., Salvador, P., & Mendonça, S. (2019). Fotografia como técnica de coleta de dados nas pesquisas qualitativas da área da saúde: scoping review. *Investigação Qualitativa em Saúde*, 2, 154-163.  
<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2014/1950>
- Barbosa, V. L., & D'Ávila, M. I. (2014). Mulheres e artesanato: um “ofício feminino” no povoado do Bichinho/Prados-MG. *Revista Ártemis*, 17(1), 141-152.  
<https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/18122/11137>
- Bardin, L. (2011). *Análise do conteúdo*. (Tradução: L. A. Reto, A. Pinheiro trad.). Edições 70.
- Barroso, H. C., & Frota, M. H. P. (2010). A trama do trabalho artesanal para mulheres cearenses: desvendando códigos de gêneros. *Anais do Encontro Fazendo Gênero: Diáporas, Diversidades, Deslocamentos*, Florianópolis, SC, Brasil.  
[https://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278297991\\_ARQUIVO\\_fazendogenero.pdf](https://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278297991_ARQUIVO_fazendogenero.pdf)
- Batista, A. (2014). Processos de trabalho: da manufatura à maquinaria moderna. *Serviço Social & Sociedade*, 118, 209-238. <https://doi.org/10.1590/S0101-66282014000200002>
- Borges, A. (2019). *Design + artesanato: o caminho brasileiro*. Terceiro Nome.
- Resolução n.º 510, de 07 de abril de 2016. Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.  
[https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/NORMAS-RESOLUCOES/Resoluo\\_n\\_510\\_-\\_2016\\_-\\_Cincias\\_Humanas\\_e\\_Sociais.pdf](https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/NORMAS-RESOLUCOES/Resoluo_n_510_-_2016_-_Cincias_Humanas_e_Sociais.pdf)
- Portaria Nº 1.007-SEI, de 11 de junho de 2018. Institui o Programa do Artesanato Brasileiro, cria a Comissão Nacional do Artesanato e dispõe sobre a base conceitual do artesanato brasileiro. [https://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/34932949/do1-2018-08-01-portaria-n-1-007-seide-11-de-junho-de-2018-34932930%E2%A0%80](https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/34932949/do1-2018-08-01-portaria-n-1-007-seide-11-de-junho-de-2018-34932930%E2%A0%80)
- Carvalho, D. S. (2016). *Atividade artesanal e o processo de significação* [Dissertação de Mestrado em Psicologia]. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil. <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/21625>
- Corkhill, B., Hemmings, J., Maddock, A., & Riley, J. (2014). Tricô e bem-estar. *Têxtil*, 12, 34 - 57. <https://doi.org/10.2752/175183514x13916051793433>
- Cunha, T. B., & Vieira, S. B. (2009). Entre o bordado e a renda: condições de trabalho e saúde das labirinteadoras de Juarez Távora. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(2), 258-275.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932009000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000200005)
- Davel, E., Cavedon, N. R., & Fischer, T. (2012). A vitalidade artesanal da gestão contemporânea. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 1(3), 13-21.  
<https://doi.org/10.9771/23172428rigs.v1i3.10065>
- Dejours, C. (2008). Addendum: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: Lancman,

- S., Sznelwar, L. I. (Orgs.). *Christophe Dejours: da psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho*. Paralelo 15.
- Detregiachi Filho, E. D., Martins, N. O., & Herrera, V. É. (2017). Análise do Sistema Toyota em uma indústria de embalagens plásticas da região de Marília-SP. *Revista Gestão Industrial*, 13(1), 1-23.  
<https://periodicos.utfpr.edu.br/revistagi/article/viewFile/5061/4424>
- Ferreira, M. C. (2011). *Qualidade de vida no trabalho: uma abordagem centrada no olhar dos trabalhadores*. Edições Ler, Pensar, Agir.
- Ferreira, T. B. (2014). *Desenvolvimento de competências laborais em um ambiente de aprendizagem nacional: um estudo de caso com uma família de rendeiras em Alcaçuz/RN*. [Dissertação de Mestrado em Administração]. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/3856>
- Freitas, A. L. C. (2017). *Design e artesanato: uma experiência de inserção da metodologia de projeto de produto*. Blucher Acadêmico.
- Herman, M. B. (2017). *Reflexões sobre o trabalho e a cidadania das artesãs de Jaguarão/RS*. [Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Direitos Humanos e Cidadania]. Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, RS, Brasil.  
<https://repositorio.unipampa.edu.br/handle/riu/2417>
- Huberman, L. (2012). *História da riqueza do homem*. Zahar.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2021). *Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura*. <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/289>
- Jorge, H. R. (2011). *Terceirizar, flexibilizar, precarizar: um estudo crítico sobre a terceirização do trabalho*. [Dissertação de Mestrado em Sociologia]. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.  
<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/795087>
- Keller, P. F. (2014). Trabalho e econômica do artesanato no capitalismo contemporâneo. *Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia - GT 034: Etnografia do capitalismo*, Natal. RN, Brasil.  
[https://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1400624044\\_ARQUIVO\\_KELLER-Paper-ABA-GT34.pdf](https://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1400624044_ARQUIVO_KELLER-Paper-ABA-GT34.pdf)
- Keller, P. F. (2011). Trabalho artesanal em fibra de buriti no Maranhão. *Cadernos de Pesquisa*, 18(3), 84-94.  
<http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/647>
- Labiak, F. P., Lacerda, M. C. L. S., & Zwielewski, G. (2023). Influências das construções estereotipadas de gênero na Carga mental de trabalho das mulheres. *Trabalho (Em)Cena*, 8(Contínuo), e023027.  
<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/encena/article/view/16493>
- Laurentino, A. L. (2017). *Idea: um modelo de gestão do design aplicado à produção de artefatos* [Tese de Doutorado em Design]. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/24252>

- Lima, R. G. (2005). *Artesanato: cinco pontos para discussão*. Palestra Artesanato Solidário / Central Artesol.  
[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artesanato\\_Cinco\\_Pontos\\_para\\_Discussao.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artesanato_Cinco_Pontos_para_Discussao.pdf)
- Lima, R. G. (2009). *Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda*. Ministério da Cultura-Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.  
[http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato\\_e\\_Arte\\_Pop/CNFCP\\_Artesanato\\_Arte\\_Popular\\_Gomes\\_Lima.pdf](http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_Pop/CNFCP_Artesanato_Arte_Popular_Gomes_Lima.pdf)
- Maciel, J. S., Moraes, R. D., & Nina, S. D. F. M. (2023). Dimensão subjetiva do trabalho de ribeirinhos em uma comunidade rural do Amazonas. *Trabalho (En)Cena*, 8(Contínuo), e023003. <https://doi.org/10.20873/2526-1487e023003>
- Marx, K. (2013). *O capital: crítica da economia política*. (29a. ed.). Civilização Brasileira.
- Mills, W. (2009). O ideal do artesanato. In W. Mills. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios* (pp. 59-64). (M. L. X. A. Borges Trad.). Jorge Zahar.
- Pinto, G. A. (2007). *A organização do trabalho no século 20: taylorismo, fordismo e toyotismo*. (1a. ed.). Expressão Popular.
- Saffioti, H. (1976). *A mulher na sociedade de classe: mito e realidade*. Vozes.
- Rodrigues, F. (2009). *Homem, trabalho e meio ambiente: desenvolvimento e sustentabilidade*. [Dissertação de Mestrado em Direito]. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil.  
<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/1010/Dissertacao%20Fabio%20Rodrigues.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Scardoelli, M. G. C., & Waidman, M. A. P. (2011). Grupo” de artesanato: espaço favorável à promoção da saúde mental. *Esc Anna Nery*, 15(2), 291-299.  
<https://www.scielo.br/j/ean/a/8rFYS4NwRtVvWBTPTbGRbKr/abstract/?lang=pt>
- Silva, M. A. (2012). Discutindo gênero através do trabalho artesanal. *Anais do IX ANPED SUL - Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul*, Caxias do Sul, RS, Brasil.  
[https://www.ucs.br/ucs/tplAnped2011/eventos/anped\\_sul\\_2012/programacao/AnpedSul\\_caderno\\_programacao.pdf](https://www.ucs.br/ucs/tplAnped2011/eventos/anped_sul_2012/programacao/AnpedSul_caderno_programacao.pdf)
- Souza, L. P., & Guedes, D. R. (2016). A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos Avançados*, 30(87), 123-139.  
<https://www.scielo.br/j/ea/a/PPDVW47HsgMgGQOCgYYfWgp/abstract/?lang=pt>
- Souza, D. C., Sousa J. R. F., Sá, M. G., & Leal, B. T. (2020). O desengajamento do trabalho artesão e os rumos da nova geração na comunidade do Alto do Moura-PE. *Cad. EBAPE.BR*, 18(3), 623-634.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-39512020000300623&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512020000300623&lng=en&nrm=iso)
- Tavares, F. Y., & Padilha, V. (2016). Os sentidos do trabalho e a produção artesanal: os casos do luthier e do mestre vidreiro. *Anais do XIII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia* (p. 1-15). Associação Educacional Dom Bosco – AEDB, Resende, RJ.

<https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos16/17624158.pdf>

### Informações sobre os autores

#### **Katyuscia Karla Mendes Arouche**

Endereço institucional: Universidade Federal do Maranhão. Campus Bacanga, Centro de Ciências Humanas - CCH. São Luís (MA). CEP 65085-580.

E-mail: mendeskatyuscia@gmail.com

#### **Yldry Sousa Ramos Queiroz Pessoa**

E-mail: yldry.pessoa@ufma.br

<b>Contribuição dos Autores</b>	
Autora 1	Administração do Projeto, Investigação, Análise Formal, Conceituação, Curadoria de Dados, Escrita –Primeira Redação.
Autora 2	Escrita – Revisão e Edição, Supervisão, Validação e Visualização.